

As ASSIGNATURAS são de
2^o por trimestre, 4^o por
semestre e 8^o por anno
para a Corte e Nictheroy.



As RECLAMAÇÕES podem
ser remetidas à rua do
Príncipe dos Cajueiros
n.º 164 sobrado.

O DOMINGO

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Velasco

O DOMINGO

Rio, 21 de Dezembro de 1873

Religião

A primeira verdade que nos ensina a religião de Jesus é que somos cristãos pela graça de Deus. Outra verdade é que todos as religiões que não a verdadeira são meios visíveis por que a Providencia educa a raça humana.

O que precisamos no Brazil é da verdadeira religião de Christo, é ouvir a propria verdade que Jesus-Christo nos declarou, verdade que ahí está consignada nos Evangelhos, que não teme a critica a mais severa dos mais adiantados philosophos, verdade que enobrece a individuos e a nações e que é-lhes o unico penhor de uma solidia esperança em um melhor futuro.

Sim. Importa-nos ter a verdade pura do Christianismo sem a menor mescla de paganismos.

A liberdade e a fé intelligente nas cousas da religião devem andar de mãos dadas.

Nem a fé pôde existir sem a liberdade, nem esta sem a fé. A primeira sem a segunda é a superstição, a morte da religião; e sem a fé a liberdade é o privilegio de sermos cegos ou andarmos extraviados.

Brasileira de nascimento, desejamos que os Brasileiros sejam livres; que formem um todo homogeneo e compacto, aspirando, na variedade de interesses individuaes, a um ideal alto e nobre de progresso e civilisação. Mas sem a religião pura, sem que as palavras de Christo se imprimam bem no coração nacional, e alli lhes derrame aquella unção, que só elles lhe podem comunicar, é impossivel conseguir-se esta harmonia de vistos, ou ter-se um ideal que seja bastante vigoroso para sustentar o povo nos seus esforços e quedas, e no fragoso caminho dos seus destinos.

A fé que não fôr uma convicção é um insulto á verdade, e a convicção que não fôr baseada em um estudo sério, sem prejuizos, e sómente com a mira de descobrir a verdade, é uma cobardia que só merece o desprezo.

A religião é a luz da intelligencia e da liberdade, e está sómente na communhão intima da alma com o verbo divino, que está consignado na Biblia, n'esta adhesão ao Evangelho de Christo, e n'este propósito firme de procurar conformar-nos com elle, a despeito de todas as nossas inumeras fraquezas e quedas.

E sem que se procure incutir no povo as verdades da religião, nada poderemos conseguir em seu favor.

E é por saber bem d'esta verdade que o povo dos Estados Unidos tem multiplicado, ao par com as suas escolas publicas, as «escolas de domingo» onde a moralidade se instrue cabalmente da historia precedente á vinda, e da propria historia de Jesus-Christo, sua vida, suas obras, seus conselhos, consolações e promessas. E alli que se lançam os esteios que sustentam o povo americano.

A vista pois d'estas ligeiras e succinctas considerações, somos a primeira a reconhecer que a liberdade sem a religião pura da palavra da Biblia é um monstro horroroso.

A instrucção publica

Do quadro censitário da província do Paraná, que é a mais moderna de todas as nossas províncias, vemos que em uma população de 126,722 almas, ha 94,898 analfabetos, e ainda mais que da população de 6 a 15 annos que monta a 24,808, só 4,424 frequentam as escolas.

E' um algarismo assombroso, que não diminuirá enquanto não se obrigar o menino a aprender o que a curiosidade lhe pede, enquanto não se acompanhar na criança o desenvolvimento da curiosidade com o fim de a satisfaizer.

Obrigar o adolescente a estudar o que não lhe interessa, ou que não comprehende; obrigar-o a aprender o

que não lhe servirá de utilidade, é tornar-lhe quasi impraticável o caminho que conduz aos estudos superiores universitários, os únicos que recreiam.

O homem naturalmente é excitado por uma continua curiosidade de saber, desde que abre os olhos à luz do mundo até fechá-los.

Contrariar essa curiosidade é extinguir o desejo de saber, é obrigar o menino a aprender o que o instituidor quer que elle aprenda, é obrigar-o a odiar os livros; entretanto o livro é o melhor dos mestres, e é preferível a este porque é docil, porque a sua palavra não foge como a palavra fallada, e é bastante fixa para ser meditada; é preferível porque se dicta a um canto quando se está cansado e quando se quer tornar-se a utilizar delle, sem que nunca elle se enfade.

E' mestre que está sempre às nossas ordens, quando é preciso estar-e às ordens do professor.

Nas nossas escolas deixa-se de aprender o que é útil para mal aprender o que é inútil, fazendo-se assim de testar os livros a quem deve estudar; para encher de pretenções a sabios a quem é ainda ignorante.

Em um menor há em primeiro lugar a educação physisca a fazer-se, durante a menenice, que é do dever paterno e materno, e em segundo lugar há a educação intellectual e moral, de que pode ser exonerada a paternidade, cabendo a sua tutela ao Estado, que deve vigiar os pedagogos.

A educação da moçidade deve, em nossa opinião, tocar ao Estado, porque todo o cidadão tem o direito de ser tratado pela sua pátria como o melhor de seus queridos.

A sociedade depende da instrução pública tanto quanto a religião depende da propagação da fé. Uma instituição que rego os destinos da sociedade não pode ser entregue unicamente aos cuidados privados.

Éis porque ella deve ser à custa e sob a inspeção do Estado.

O Estado tendo estabelecido escolas para os meninos tem o direito de compele os pais a usarem dellas ou a darem a razão porque o não fazem. Este princípio está sendo hoje universalmente admitido.

A instrução obrigatoria não é repugnante aos princípios literários: não são estes que a combatem, mas os retrogados; e os países adiantados da Europa tiveram e têm muita fé no ensino obrigatorio.

Na Inglaterra foi este assumpto um dos que em primeiro lugar se ocupou o novo conselho de instrução pública de Londres, organizado segundo a recente lei da educação popular. Este conselho compõe-se de senhoras e de membros do parlamento, de artistas e de ministros de diferentes religiões, os quins todos concordam que há uma necessidade absoluta de se obrigar a frequentar as escolas aquelles meninos que se não quizerem convencer voluntariamente das vantagens de uma educação literária.

Nas nossas escolas deixa-se de aprender o que é útil para mal aprender o que é inútil, fazendo-se assim de testar os livros a quem deve estudar, para encher de pretenções a sabios a quem é ainda ignorante.

Nos Estados Unidos as escolas públicas são a glória do paiz. E' ahi que os filhos de todas as classes se reúnem e adquirem aquelles conhecimentos elementares que os habilitam depois a serem cidadãos prestáveis e bons chefes de famílias; é ahi que não proliga se mostra a mão nacional que nem as melhores escolas particulares podem

competir na variedade e excellencia dos meios que elles oferecem à puericia e à mocidade de estabelecerem os alicerces sólidos daquella cultura que os hão nobilitado depois como homens.

A instrução publica, e os aconchegos materiais refinam os costumes e elevam o padrão da moralidade dos povos; e as escolas dão ao futuro cidadão os meios e os elementos com que elle deve procurar depois instruir-se nos deveres de cidadão e de homem: e enquanto o menino não assume esta responsabilidade é dever da sociedade dar-lhe tambem os meios elementares de todos os deveres, e começo a cultivar o seu espírito.

A instrução publica deve, pois, ser obrigatoria.

Não se deve deixar ao menino ou ao adolescente a liberdade de ser ignorante, e de ser inferior aos outros homens intellectual e moralmente. E se apesar d'isso alguém se recusar de aproveitar a instrução, mais tarde se queixará sómente de si, pela sua inferioridade na sociedade. Aquelle que precisa que outro lhe faça suas contas, ou lhe escreva e leia a sua correspondencia, deve ser perpetuamente menor. E' um homem de intelligença incompleta, que para seu complemento precisa da intelligença de outro.

Escola do povo

Recebemos com subido prazer dous folhetos, com que nos mimoseou a Escola do Poco, e oxalá que saibamos agradecer com devido mérito o interesse em que por nós, mulheres, pronuncia o muito ilustrado Sr. Dr. Miguel Vieira Ferreira.

LITERATURA

FRANCESCA

Por Stéphen de la Madalaine

CAPITULO II

Conclusão

Finalizando-se a primeira parte da obra, a mãe de Izabel approximou-se do grupo das pessoas que vinham tomar fresco e que conversavam entre si sobre a obra e os cantores.

Fallavam com admiração do tenor, do baixo e de outros artistas que davam boas esperanças; mas as honras da noite eram para a bella prima dona Francesca. O entusiasmo das testemunhas do seu triunfo era ilimitado, e esperavam com duplido prazer ouvirem o segundo acto.

A pobre mulher que com lágrimas nos olhos sentia amargamente não poder assistir a todas essas maravilhas, ouviu o porteiro anunciar, segundo o costume das representações ordinarias, que alguns lugares estavam por alugar para o resto da noite, com a saída de algumas pessoas; sen refugiári na sua resolução repentina a mulher estendeu a mão para o distribuidor, e d'ahi a um instante estava na bella sala do theatro resplandecente de luzes e toilettes, e o seu trajar excitou a admiração de seus vizinhos, que duvidavam do seu bonsenso.

Fosse o que fosse, logo que o orchestra deu signal da sua introdução, cessaram todas as conversações; levantou-se o pano e o silencio foi solemne.

Appareceu a *prima dona* no meio de uma chuva de aplausos, e em quanto a sala inteira prodigalisa a cantora o mais infrene entusiasmo, a boa mulher levantou-se como se quizesse atirar-se na scena, mas cahio sem sentidos no seu lugar.

As pessoas que lhe estavam proximas, espantados d'este acto de loucura e compadecidos da enfermidade presumida da pobre mulher, reuniram todos os esforços para transportarem na fóra da sala, e ella poder tomar ar; mas ella, apezar do seu estado de fraqueza, comprehendeu a sua intenção, e debatia-se nos braços d'elles. A attenção do publico foi perturbada, e o spectaculo ficou por instantes suspenso.

— Deixem-me, murmurou a pretendida louca, logo que pôde fallar; Deixem-me, por Deus, meus bons señores, ! é minha filha, dizia ella, estendendo os braços para Francesca, que tambem por um movimento involuntario, imitou o gesto de sua mãe que reconhecerá. Por este spectaculo tão tocante, a sala retinio de aplausos, que pareciam repetidos pelas paredes da casa, disse o historiographo Doni, a quem consultamos escrevendo esta noticia.

P. S. Izabel que continuou a ter o nome de Francesca que a torpou celebre pelo seu triplice talento de cantora, poetisa e compositora, não era nada menos que a filha do sabio mestre Julio Caccini, um dos pais da musica dramatica.

Este musico, cujas obras e descobertas si foram apreciadas no seu justo valor pela posteridade que se aproveitou d'ellas, era romano de nascimento; passou quasi toda a sua vida em Florença, na sociedade do illustre Galileo de quem foi mestre e amigo.

Viveu e morreu pobre; mas sua filha enriquecida pelos louvores da Italia, apresentou o primeiro exemplo de uma grande fortuna, devido ao grande talento da execução musical e scenica.

FIM

(*Versão do italiano*).

Biographia de mulheres celebres

Aissé (Mlle.) Circassiana celebre pela sua belleza. Nasceu em 1691 e morreu em 1733. Tendo sido comprada pelo conde de Ferriol, embaixador de França em Constantinopla, no basar das escravas, tendo então apenas quatro annos de idade, foi por este conduzida a França, onde recebeu a mais brillante educacão ao mesmo tempo que os exemplos da mais crassa corrupção.

Profanada por aquelle que sempre considerara como um pai, no seio de uma sociedade depravada, teve no entanto bastante coragem para resistir ás offertas do regente; e se, succumbiu ao cavalheiro d'Aydie, foi arrastada pela mais violenta paixão que por este concebeu, e a quem amou até ao fim de seus dias. D'elle teve uma filha, que foi educada sob o nome de miss Block e que se casou com um fidalgo de Périgord.

Desgostos que teve fizeram-n'a romper esta alliance, e succumbiu na idade apenas de 38 annos. Deixou-nos Mlle. Aissé a sua correspondencia, que contém anedocas interessantes sobre a corte e alguns dos illustres personagens d'aquelle tempo.

Sem ser modelo d'estylo, nem sempre conveniente nos seus escriptos, as suas cartas agradaram, no entanto pela sua originalidade.

Foram publicadas a primeira vez em 1787, e depois reimpressas diversas vezes; porém a melhor edição é a de Ravenell, com uma biographia por Sainte-Beuve (Pariz 1846-en 12).

ALBONI (Marieta) cantora italiana, nascida em Cesena em 1823. Tendo aprendido a canto em Bolonha, com Mme. Bertolletti, estreou na idade de 16 annos nessa mesma cidade e obteve um successo extraordinario. Cantou depois successivamente em Parma, Vienna, São Petersburgo, na Bohemia, na Hungria, e em todas estas viagens a sua reputação tomou sempre maior incremento. Em Londres igualou a reputação da celebre Jenny Lind que era entao a delicia dos espectadores d'aquella imensa metropole.

Foi em Outubro de 1847, que pela primeira vez se fez ouvir em Pariz, e obteve entao a coroação da sua celebriade como cantora. Recentemente casou-se com o conde Pépoli.

A voz de Marieta Alboni, hoje condessa Pépoli, é d'esso soprano, de uma belleza maravilhosa pela sua extensão, e sua força. E só ás suas qualidades organicas que ella deve a fama que teve, pois como cantora dramatica notava-se-lhe falta de gestos e de vida nos papeis de que se encarregou.

ALCANFORADA (Marianna) religiosa portugueza do XVII seculo. Parecia destinada a viver e a morrer desconhecida no convento das freiras de Béja, quando concebeu a paixão a mais violenta por um jovem official francez chamado Chamilly. Estabeleceu-se entre elles uma correspondencia, e foram as cartas que ella escrevera a seu amante que immortalisaram o seu nome.

Essas cartas em numero de cinco sómente são notáveis pela expressão do mais extremoso amor. Aquelle a quem eram dirigidas, fê-las traduzir em francez por Soublegny e publicou-as em Pariz sob o nome de *Cartas Portuguezas*.

Estas cartas foram por diversas vezes reimpressas; porém a maior parte das edições contém mais outras sete cartas que são apocryphas, como o demonstrou o historiador Souza, na sua edição publicada em Pariz em 1824.

PARTE RECREATIVA

Salada de palavras

Prefiro a alienação de meus bens a uma alienação mental.

Prefiro casar-me com uma mulher baixa do que com uma alta, porque dos males... o menor.

Há entre os pharmaceuticals muitos poltrões: no entanto conheço alguns *d'ether-minados*.

Quem abusar do líquido não fica muito tempo sólido.
Prefiro o ar *scenico* ao arsenico.

A roupa que me faz o alfaiate é mais justa do que as suas contas.

O monte do socorro é o contrário dos outros montes:
sempre fácil para subir, porém terrível para descer.

O sol quando luz é para todos, excepto para aquelles que estão a sombra. Veio-me isto a idéa visitando a casa de detenção.

A cadeira mágica

Lê-se na *Revista de Pariz*, que Christiano IV, rei de Dinamarca, tinha imaginado um meio singular de subtrair-se às visitas dos importunos.

Era uma cadeira de braços preza a uma roldana, e que do primeiro andar descia para o que ficava ao nível do terreno.

Quando sentia passos, sentava-se na cadeira, que logo corria para baixo; um alçapão fechava o lugar da descida; os importunos entravam ninguém se achava; o rei estava no jardim.

Cá e lá más fadas ha

Lê-se nos *Petites Affiches*, de 12 de Novembro:

« Um moço de 21 annos, suíss, que falla o Francez e o allemão, e dá as melhores referencias sobre sua conducta, deseja *ficar-se* para viajar.

O coração do insensato está nos labios; a língua do homem de juizo no coração.

Dous terços da existencia humana consomem-se na hesitação e o ultimo no arrependimento.

A vida é semelhante a uma prisão.

Uma jovem casta e pura, tem o encanto que achamos no papel limpo.

O talento não deve ser mais do que o aperfeiçoamento moral.

Charadas

A minha prima por si só,
E' um verbo auxiliar . . . 1
Da seifa, lá pelo campo
Vás a segunda encontrar. . . 1

Mas, não chames pelo gato
Para a terceira forma;
Desse bicho, a metade
De certo devés tirar . . . 1

CONCEITO

Rodeada pelo mar
Eu ostento magestade;
Ousão também procurar
Meu clima p'ra salubridade.

A prima por si é secca. . . 2
Segunda, na musica 'stá. . . 1
O meu todo, lá no circo,
Só partes eu faço lá.

Estou no navio, . . . 1
A um mastro ligada . . . 2
E, pugna e recreio
Sou mui festejada.

A minha primeira e segunda
Faz a tercia e derradeira,
E elas todas, apoiadas juntas,
Fazem terra brazileira.

A decifração das charadas do numero antecedente é:
1º—Parellá—a 2º—Bolacha—a 3º—Caçador—a 4º—Leopardo—e a 5º—Pau-ferro.